

Licenças médicas em excesso

ERIKA KLINGL

DA EQUIPE DO CORREIO

Edilson Rodrigues/CB - 12/1/06

A cada semana, 300 professores entram com pedido de afastamento por problemas de saúde na rede pública de ensino do Distrito Federal. São quase 43 por dia. As principais causas estão relacionadas ao aparecimento de calos nas cordas vocais, quadro depressivo e dores musculares. Alguns voltam dias depois. Outros chegam a demorar meses até entrarem na sala de aula mais uma vez. Para se ter uma idéia do tamanho do problema, um levantamento da Corregedoria-Geral do DF nos atestados entregues por docentes entre março e junho mostrou que 1.118 dos professores ficaram fora da escola por, pelo menos, 20 dias.

O número de afastamentos é grande e cria muita polêmica. "O governo nunca deu condições de trabalho adequadas. O pó de giz provoca alergias, a violência e as más condições deixam todo mundo estressado e as salas cheias demais sobrecarregam os docentes", reclama Washington Luís Gomes, da Secretaria de Assuntos de Saúde do Trabalho, do Sindicato dos Professores do DF. De acordo com o secretário de Educação, José Valente, o GDF está ciente da gravidade do problema e trabalha para corrigir o quadro. "É claro que existem casos não adequados para o afastamento, mas não podemos reduzir e partir do pressuposto de que são afastamentos arrançados", argumenta. "Muitas pessoas sofrem e estamos trabalhando por melhores condições de trabalho, até mesmo com a compra de microfones."

Depois de um longo período com rouquidão, Janaína*, 43 anos, foi ao médico e recebeu o diagnóstico de calos nas cordas vocais — comuns em profissionais que usam muito a voz, como professores e cantores. "Sentia uma dor de garganta constante e ficava sem voz o tempo



O AFASTAMENTO DOS TITULARES LEVA A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A CONVOCAR, COM FREQUÊNCIA, DOCENTES TEMPORÁRIOS PARA SUBSTITUI-LOS POR TEMPO INDETERMINADO

todo", comenta. Antes de descobrir que tinha um problema mais grave do que uma simples gripe, Janaína passou por um médico da rede pública. "Tomei antibióticos e, depois de gastar do meu bolso, identificamos os calos no médico indicado por uma amiga", lembra. Fora da sala de aula há mais de 20 dias, ela já vê melhoras na rouquidão, no pigarro constante, na ardência na garganta e no cansaço ao falar. "O pior para mim foi ter que provar que estava com problemas. Durante todo o processo fui tratada como se estivesse tentando me dar bem e faltar ao serviço", comenta.

Retorno obrigatório

A queixa da professora é comum na categoria. Segundo Washington Luís, os peritos tentam diminuir ao máximo o período de afastamento e obrigam os professores a voltar para a sala de aula antes da hora. As consequências podem ser desastrosas. A professora Ruth*, 38 anos, sabe bem o que é isso. Afinal, são 17 anos de carreira na rede pública e, pelo menos, oito sentindo dores cervicais e também nos braços por causa de uma tendinite. Em 2004, ela ficou seis meses sem trabalhar e ainda estava debilitada quando os peritos cortaram o atestado médico.

"Voltei para a sala de aula sentindo dores e trabalhei no sacrifício até ano passado, quando tive de parar mais uma vez", conta. A etapa mais dolorosa foi exatamente o processo para conseguir o afastamento. "Vi muita gente saindo da sala dos médicos chorando pela forma como éramos tratados", lamenta. Ruth* destaca que a piora entre os dois afastamentos foi causada por um ciclo vicioso dentro da rede de ensino. "Como muitos professores estão de atestado, os outros acabam sobrecarregados. Voltei com problemas de saúde e assumi, imediatamente, 15 turmas."

A depressão também aparece

no topo da lista de causas de afastamento. "O problema de depressão está muito associado ao fato de os professores se sentirem impotentes perante uma sala lotada", observa o secretário José Valente. "Imagine alfabetizar ao mesmo tempo 50 crianças? É para deixar qualquer um deprimido ou louco", comenta. Ele afirma que o problema será resolvido na matrícula para 2008. "As turmas de alfabetização, por exemplo, terão no máximo 25 alunos."

A depressão em professores não é exclusividade do DF. Em São Paulo, um em cada quatro docentes da rede estadual sofre de depressão. É a sexta entre as

doenças diagnosticadas no magistério, com 24% dos casos, sendo que o estresse é o problema que mais atinge os educadores, 46,2% dos registros. Os dados são de uma pesquisa feita pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) sobre as condições de trabalho e de saúde dos educadores da rede. Para os docentes, os problemas ocorrem devido ao excesso de alunos por sala, falta de material didático, jornada dupla para completar a renda familiar e violência.

* NOMBRES TROCADOS A PEDIDO DAS ENTREVISTADAS